

O LIVRO DIDÁTICO “É BOM APRENDER - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS”: UMA EXPERIÊNCIA DE ANÁLISE

Márcia Batista da Silva

Graduanda do curso de licenciatura em pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA. marcia19.b@gmail.com

Mônica Batista da Silva

Graduanda do curso de licenciatura em pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA. monicabatista.ufpe@gmail.com

RESUMO: O presente artigo é resultado da análise de um Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), deste modo, buscamos analisar as contribuições do mesmo para a aquisição da leitura e escrita de jovens e adultos tendo como objetivos direcionadores: Identificar se as atividades promovem a compreensão das propriedades do sistema de escrita alfabética e o domínio e/ou a consolidação de suas convenções som-grafia; Apontar se atividades propostas no livro promovem a compreensão das regularidades ortográficas e a tomada de consciência/memorização das irregularidades; e descrever se o livro contribui para o contato com a diversidade de gêneros textuais presentes na sociedade, assim como o favorecimento de experiências significativas de letramento. Utilizando-se da Análise Documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), esboçamos as principais contribuições do livro analisado para a alfabetização e letramento na EJA. Os dados apontaram que o livro pode contribuir para com os educandos, possibilitando maior autonomia na construção de sua aprendizagem. Desse modo, os jovens e adultos, incluindo aqueles pertencentes ao território do campo, podem ter melhores condições de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e continuar aprendendo cada vez mais ao longo de sua vida.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Este artigo parte do exercício de análise proposto na disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa I, componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia da UFPE/CAA, que tem como objetivo a ênfase na fundamentação teórico-metodológica dos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no que se refere aos seguintes aspectos: sistema de escrita alfabética, norma ortográfica e gêneros textuais. Diante disto, entra como requisito avaliativo da disciplina a realização da análise de uma obra didática.

Nesta direção, partindo de uma inquietação pessoal, optou-se por analisar o Livro Didático que possui como título: “É bom aprender – Educação de Jovens e Adultos”, uma obra das autoras Cassia Garcia de Sousa, Marinez Meneghello e Angela Passo. Trata-se de um material de volume único com trezentas e cinquenta e uma páginas destinadas a Educação de Jovens e Adultos. O livro aqui analisado foi a primeira edição do volume publicada no ano de 2009.

A obra relaciona seus conteúdos de forma interdisciplinar sendo dividida em duas grandes partes: na primeira, explora o letramento e alfabetização lingüística e na segunda, a alfabetização

matemática. Embora a obra contemple essas duas grandes áreas do conhecimento, buscamos aqui analisar apenas o primeiro campo.

A parte que explora o letramento e alfabetização linguística é estruturada em dez unidades que buscam a apropriação do sistema de escrita alfabética pelo aluno, trabalhando o alfabeto e seus padrões silábicos, articulando a leitura, escrita, produção e interpretação verbais e não verbais de forma articulada com as novas formas de comunicação, registros históricos, origens do povo brasileiro, formas de consumo, a importância da natureza, a importância da amizade, a importância do trabalhador, o respeito à terceira idade, histórias de animais e por fim apresenta atividades extras em letra cursiva, sugestões de livros e filmes e material para recorte.

A partir destes aspectos da obra aqui retratados, nos questionamos acerca de quais as contribuições do Livro Didático para a aquisição da leitura e escrita de Jovens e Adultos? Diante desta problemática, temos como objetivo geral analisar as contribuições do Livro Didático para a aquisição da leitura e escrita de Jovens e Adultos. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: a) Identificar se as atividades promovem a compreensão das propriedades do sistema de escrita alfabética e o domínio e/ou a consolidação de suas convenções som-grafia; b) Apontar se atividades propostas no livro promovem a compreensão das regularidades ortográficas e a tomada de consciência/memorização das irregularidades; c) Descrever se o livro contribui para o contato com a diversidade de gêneros textuais presentes na sociedade, assim como o favorecimento de experiências significativas de letramento.

É importante ressaltar que o livro analisado não é específico à Educação do Campo, visto que antecede a primeira distribuição de Livros Didáticos do Campo iniciada, a partir de 2013, pelo Programa Nacional de Livros Didáticos para Escolas do Campo (PNLD Campo), no entanto, julgamos pertinente analisá-lo entendendo que este livro também atendia a jovens e adultos do campo. Nessa direção, buscaremos entender como esta obra analisada se articularia com uma proposta de Educação do Campo na modalidade EJA.

A distribuição de Livros Didáticos para a Educação de Jovens e Adultos inicialmente foi regulamentada com a publicação da [Resolução CD FNDE nº 18, de 24/04/2007](#), que tratava da execução do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), com vistas a possibilitar a distribuição de obras didáticas para atender à alfabetização e à escolarização de pessoas a partir dos 15 anos de idade no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos

Muitos jovens e também adultos buscam recuperar o tempo perdido procurando o ambiente escolar, pois por motivos vários, por vezes de demanda social, não conseguiram estudar na idade certa. Essa busca, no entanto, por vezes chega a ser frustrada, pois esses jovens e adultos acabam encontrando um ambiente de exclusão construído por meio de um ensino que não atende as suas especificidades e não o reconhecem como um produtor de conhecimentos.

Nessa direção, pensar o ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos (EJA) compreende reconhecer as especificidades dessa modalidade e, para, além disso, respeitar a capacidade que apresentam diante de suas vivências, pois:

A EJA é um campo diferenciado no âmbito educacional, com características, demandas e possibilidades próprias. É preciso privilegiar as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos, principalmente aquelas relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para a promoção da qualidade de vida e do convívio na comunidade e na família (BARROS, 2011, p. 33).

Assim, a EJA carece de ser vista como uma possibilidade de um novo começo a esse segmento excluído da sociedade por diferentes razões, e nessa direção, precisa ser entendido como capaz de escrever sua própria história, visto que:

O adulto é produtor de saber e cultura e que, mesmo não sabendo ler e escrever, está inserido – principalmente quando mora nos núcleos urbanos – em práticas efetivas de letramento (...). O adulto não é mero portador de “conhecimentos prévios”, que precisam ser resgatados pelo alfabetizador para ensinar aquilo que quer, mas um sujeito que já construiu uma história de vida, uma identidade e cotidianamente produz cultura (GALVÃO; SOARES, 2004, p. 51).

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos exige um esforço demandado não apenas de quem busca se reintegrar a escolarização, pois a adaptação não é um processo fácil, mas também e principalmente, por quem se responsabiliza com a mediatização do ensino-aprendizagem.

Assim, o processo de leitura e escrita é na verdade um desafio tanto para professores(as) quanto para educandos(as), pois, para este último, a alfabetização pode ser definida “como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia” (BARROS, 2011, p. 17). Nessa direção, o processo de alfabetização conduz o sujeito, seja este criança, jovem ou adulto, à liberdade de entender e de ler o mundo, e de fazer isso de forma independente.

Mas o processo de alfabetização não se dá sozinho, ele conta com o processo de letramento para a sua aquisição. Assim:

O letramento pode ser definido como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando o indivíduo

começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens, revistas, jornais, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, como a leitura de um texto acadêmico, uma carta, uma reclamação formal, entre tantos outros inúmeros exemplos (BARROS, 2011, p. 18).

Nesse sentido, percebe-se que ambos os processos apresentam especificidades diferentes e conceitos próprios, mas é inegável que apresentam similaridades, visto que a apropriação da escrita é um ponto em comum que perpassa ambos os processos. Ou seja, são conceitos que se constroem individualmente, mas não se materializam em separado. Isto é, suas definições parecem se complementarem, tanto que um erro muito comum é tomar os dois processos como sinônimos.

Logo, a alfabetização e letramento são construções mutuas e não lineares, que seguem uma ordem cronológica de acontecimento, mas se estabelecem em uma relação de movimentos paralelos, portanto, não se trata de escolher entre um ou outro, mas “trata-se de alfabetizar letrando” (BARROS, 2011, p. 20). Entende-se o porquê de não serem processos fáceis, mas tentar desenvolvê-los separadamente provocaria a perda da essência que ambos os conceitos anunciam.

EJA na Educação do Campo

A Educação do Campo possui características próprias atreladas a cultura da comunidade, da história de luta de seus grupos, e, do mesmo modo, a visão apreçoada aos processos de ensino-aprendizagem apresenta uma lógica própria. Os princípios do campesinato consideram mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever, mas entendem que a educação tem que proporcionar um pensamento crítico, político e reflexivo; e, conduzir a emancipação e autonomia humana.

Nessa direção, entender a EJA na Educação do Campo compreende considerar esses sujeitos como sujeitos de direitos e atores de sua própria história; e, sendo assim, merecem de ter suas particularidades culturais, de identidade e de território respeitadas. Desta forma, compreendendo a EJA como parte pertencente ao campo, tendo este como seu nascedouro, Araújo (2012) afirma que:

As práticas desenvolvidas pelos movimentos sociais camponeses apontam uma perspectiva de EJA para além da escolarização, considerando os aprendizados que os trabalhadores vão adquirindo por meio de suas experiências de lutas e de trabalho, sem negar a importância fundamental da educação escolar como espaço privilegiado de acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade (ARAÚJO, 2012, p. 253).

Nesse sentido, a relação entre EJA e Educação do Campo sempre esteve mais ligada do que se pensou. A Educação de Jovens e Adultos surge no bojo do campesinato, pois, esses jovens e adultos afastados da escola tinham um motivo para se fazerem distantes: eram trabalhadores do campo

e cuja escola não se adequava a rotina diferente desses possíveis estudantes e, por esse motivo, a escola acabava por se tornar um ambiente excludente. No entanto, a escola não era e não é o único ambiente educativo, outros espaços também corroboram com os processos de ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos.

Ao ousar alfabetizar os adultos e elevar a sua escolaridade tendo como horizonte não apenas a qualificação para a força de trabalho, os movimentos de lutas sociais no campo demonstram que a emancipação não se dará apenas por meio da conquista econômica, mas, ao lado das conquistas econômicas, é necessário também haver elevação cultural e qualificação de consciência, demonstrando, assim, a função da educação e da escola para o movimento (ARAÚJO, 2012, p. 258).

Desse modo, a EJA no Campo é uma experiência de ensino-aprendizagem que elava o sujeito do campo a ser mais e a ter o seu lugar na sociedade como sujeito de direito e como produtor de conhecimento.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho é pautada na Análise Documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e possui características de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010) e exploratória (OLIVEIRA, 2008), visto que buscou esboçar especificidades qualitativas de uma obra didática, mas precisamente, de uma edição de Livro Didático para a EJA.

Para análise de um material é necessário identificarmos quais os critérios avaliativos utilizados no processo, desta maneira procuramos analisar os seguintes blocos: **Sistema de escrita alfabética**, no qual buscamos identificar que (quais as) concepção(ões) de ensino e aprendizagem da escrita alfabética (aquisição de um código, compreensão de um sistema notacional, aprendizagem espontânea...) está presente nas atividades propostas. De modo a observar se as atividades propostas no livro promovem a compreensão das propriedades do sistema escrita alfabética e o domínio e/ou a consolidação de suas convenções som-grafia. **Ortografia**, apontar as concepção(ões) de ensino e aprendizagem da ortografia (repetição/memorização de regras, reflexão sobre a norma, aprendizagem espontânea..) presentes nas atividades propostas e se as mesmas promovem a compreensão das regularidades ortográficas e a tomada de consciência/memorização das irregularidades. **Seleção textual**, verificar/descrever se o livro contribui para o contato com a diversidade de gêneros textuais presente na sociedade, assim como o favorecimento de experiências significativas de letramento.

RESULTADOS DISCUSSÕES

1. Sistema de Escrita Alfabética

A escrita alfabética não é um código que simplesmente transpõem graficamente as unidades

sonoras mínimas da fala (os fonemas), mas, sim um sistema de representação escrita (notação) dos segmentos sonoros da fala. A partir da análise da obra, pôde-se perceber que a alfabetização não é concebida como pré-requisito para o letramento, ao contrário, desde o início acontece um trabalho integrado ao letramento, de modo que a leitura, escrita, produção e interpretação de textos estejam entrelaçadas, respeitando o nível do aluno e já trabalhando com competências e habilidades necessárias ao mundo letrado, bem como sua prática. O livro traz uma concepção do sistema de escrita como um sistema notacional e não como um código.

Para realização de algumas atividades propostas no livro analisado, o aluno precisa desembaraçar as letras para formar a palavra correspondente a figura que fica ao lado, para tal, ele poderá utilizar o alfabeto móvel. Observa-se que, a partir das atividades, que à medida que o aluno for juntando as letras para formar sílabas, instantaneamente ele relaciona as convenções som-grafia.

A compreensão do SEA (Sistema de Escrita Alfabética) também não pode acontecer de forma espontânea, é preciso que o professor possibilite condições para que os alunos se apropriem sistematicamente deste sistema. Neste contexto o professor deve dispor de estratégias que estimule e conduza o aluno ao letramento. Conforme a teoria da psicogênese da língua escrita, elaborada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que diz que os aprendizes passam por quatro fases nas quais existem diferentes explicações para como a apropriação do sistema de escrita alfabética funciona: Pré-silábico, silábico, silábico-alfabetico e alfabético:

A teoria da psicogênese nos ensina que a apropriação do SEA não ocorre da noite para o dia, mas, sim, pressupõe um percurso evolutivo, de reconstrução, no qual a atividade do aprendiz é o que gera, gradualmente, novos conhecimentos rumo a “hipótese alfabética” (MORAIS, 2012 apud FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.52).

Diante disso, entendemos que esta apropriação não acontece de uma hora pra outra. Sendo assim, é importante que o professor deixe que esse processo aconteça de forma espontânea, mas, também que não force rigorosamente esta apropriação.

Nessa direção, percebemos que o livro “É bom aprender - Educação de Jovens e Adultos”, dispõe de mecanismos que auxiliam o educador no processo do sistema de escrita alfabética atrelado ao letramento, e, além disso, contribui para a compreensão do sistema de escrita alfabética, pois inicialmente leva o aluno a diferenciar o SEA de outros sistemas de representações, distinguindo as letras de outros sinais e símbolos presentes no nosso cotidiano.

Para se apropriar das convenções som-grafia é fundamental que o educando conheça as direções convencionais da escrita (hipótese de escrita alfabética), os vários tipos de letras (bastão, imprensa, cursiva), e ser também capaz de grafá-las.

Outro elemento facilitador da apropriação do sistema de escrita alfabética é o alfabeto móvel, pois tanto as crianças como os adultos tem mais facilidade em lidar com ele devido seu manuseio prático. Isso porque podem deslocar facilmente as letras que queiram para tentar formar sílabas, palavras ou pequenas frases. Esse processo gradativo de apropriação do sistema de escrita também é visível nas atividades das paginas finais do livro as quais propõem que os alunos, utilizando as letras disponíveis no encarte no final do livro para recorte e colagem, sigam a lógica da escrita das palavras (sons), para formarem novas palavras.

O alfabeto móvel é um instrumento que facilita bastante a consolidação som-grafia, uma vez que os alunos podem, de forma dinâmica e prática, agrupar e desagrupar as letras de maneira rápida e divertida.

Identificamos também que o livro em análise contribui para a consolidação das correspondências letra-som, uma vez que trás atividades que permitem aos alunos, com o auxilio do professor, informarem o número de letras e sílabas de palavras colocadas em um quadro e em seguida desembaralharem as sílabas para formarem palavras. Em atividades como esta o aluno precisa refletir sobre o som que cada sílaba representa e em seguida refletir sobre a ordem certa destas sílabas para que de fato se forme a palavra desejada, ou seja, a palavra correspondente a figura que fica acima das letras embaralhadas.

Neste contexto, o uso da imagem ajuda bastante, pois o aluno pode fazer a relação: objeto-nome (palavra). Para que essa apropriação do sistema de escrita aconteça por meio desta atividade é necessário que a criança seja desafiada e convidada a refletir sobre as palavras, percebendo que dentro delas existem letras e sons diferenciados e que o professor seja um mediador dessa aprendizagem que ocorre de maneira gradativa.

2. Ortografia

As concepções de ensino e aprendizagem da ortografia (repetição/memorização de regras, reflexão sobre a norma, aprendizagem espontânea...) está presente nas atividades propostas do livro “É bom aprender - Educação de Jovens e Adultos”. Diante disso, Morais (1989) aponta que o ensino da ortografia é importante uma vez que:

Vivemos um momento histórico de renovação: pouco a pouco, vamos conseguindo que a língua ensinada na escola tenha propósitos e características semelhantes ao que adotam quando lemos e escrevemos fora do ambiente escolar. Assim, sem abrir mão da leitura e produção de textos como eixos orientadores do trabalho com a língua, penso que é preciso ensinar ortografia (MOARAI, 1989, pag. 17).

O livro analisado apresenta especificamente uma concepção de ortografia reflexiva, pelo fato de levar o aluno a compreender a ortografia fazendo-o refletir sobre si mesmo. O livro traz sempre um texto que situa o tema principal em cada capítulo, ao passo de que o professor é chamado a questionar seus alunos sobre o porquê da

escrita das palavras, e sugere a compreensão por meio do som, como forma de diferenciar na escrita. Além deste, também é visto nas atividades do livro, processos de memorização, pois ele é necessário, porém não é uma construção mecânica.

O livro proporciona o aluno a entender SEA como um sistema, e isto auxilia na compreensão das regras ortográficas a partir da sua reflexão e não de uma mera memorização, no sentido de ato puramente mecânico e incompreendido. Pois, a memorização concebida nesse sentido, regride e limita a capacidade de pensar/refletir como se dá essas regras, o porquê de como as palavras são constituídas. A partir do momento que acontece a compreensão das regras, a escrita passa a ser algo consciente fazendo brotar a criatividade da criança.

Ela instiga o aluno a observar que, apesar do “SS” e “S” possuírem o mesmo som nas palavras apresentadas, estas são escritas de forma diferente. Quando se pede ao aluno que o mesmo identifique quais letras aparecem antes e depois do “SS” ou “S”, possibilita que compreendam que não se inicia e nem se termina palavras com “SS”.

Observa-se dentro destas perspectivas, nas atividades propostas, uma concepção na qual o professor é chamado a refletir o caráter social do aluno e sua influência no processo de aprendizagem. Diante disso os alunos não são postos a uma prática metodológica do exercício de memorização das palavras, mas adquirem a capacidade de refletirem sobre a forma escrita e a disposição das regras ortográficas.

Em atividades dessa natureza, o aluno é levado a perceber a diferenciação do som-grafia existente em cada sílaba. Diante do que é afirmado por Silva:

Os alunos devem perceber, durante o processo de aprendizagem da escrita, que existe uma convenção (norma ortográfica) que limita as possibilidades, ao escrever. Essa descoberta deve ser facilitada pelo professor durante o ensino da ortografia, visto que o conhecimento ortográfico, por ter um caráter social, é algo que a criança não conseguiria descobrir sozinha (SILVA, 2012, p. 154)

Identificamos no livro uma atividade na qual o aluno é levado à reflexão, memória, conciliando com as imagens para no final escrever as palavras que obtinham as regras de “R” e “RR”, além do incentivo e uso da pronúncia das palavras o que possibilita uma melhor compreensão da criança e claro de um bom resultado.

Essa é uma das atividades mais interessantes deste livro. Podemos perceber que, na primeira parte do exercício o aluno é levado a fazer uma comparação do som que o “R” e o “RR” representam em várias palavras. Logo, é questionado se o som do “R” e “RR” é igual ou diferente entre as palavras e qual o som mais forte.

Tais questionamentos possibilitam e instigam o educando a descobrir qual é a regra. Em seguida as regras são expostas e os alunos são convidados a desenvolver uma atividade de

fixação na qual eles terão que completar as palavras com “R” ou “RR”.

Assim, percebemos que o livro traz em suas atividades, uma compreensão das regularidades ortográficas e que o professor (mediador) deve acompanhar os alunos em seu processo de aprendizagem, valorizando não só os acertos como também os erros que devem ser vistos como construtores do conhecimento. A partir da reescrita de uma palavra o aluno consegue assim visualizar a forma correta e interiorizar as regras que a constituem.

3. Seleção textual

O livro “É bom aprender - Educação de Jovens e Adultos” também contribui para o contato com a diversidade de gêneros textuais presentes na sociedade. Observa-se que ele apresenta diversos gêneros dentre esses: carta, lista de compras, poemas, receitas, adivinhas, contos, fábulas, tirinhas, cantigas, cruzadinhas, notícias, reportagens, provérbios, parlendas, trava-línguas, anúncios e etc...

Como exemplo de atividade proposta no livro, no que tange ao gênero textual receita, os alunos trabalham sua estrutura, diferenciando, portanto, a parte dos ingredientes do modo de preparo. O livro trás ainda informações sobre a origem indígena da receita aproveitando-se da culinária, de forma interdisciplinar, para discutir acerca da formação do nosso povo brasileiro. Ao lembrarmos que o público alvo deste livro são jovens e adultos, consideramos importante a presença do gênero receita uma vez que se trata de um elemento do cotidiano dos sujeitos o que possibilita a compreensão da temática de forma contextualizada contribuindo para se ir além da teoria. O que evidencia um extrato essencial do contexto real dos mesmos.

Já em relação ao gênero carta, é relevante explicar sua função. Não basta somente apresentá-la a turma, mas, explicar sua configuração e nesse sentido, o livro analisado realiza este papel, pois explora cada detalhe do gênero.

O importante em inserir os gêneros textuais na sala de aula de aula é que os mesmos estejam presentes no dia a dia dos alunos. Nesse sentido, em uma das atividades do livro percebemos o trabalho com o gênero textual reportagem por meio de exercícios que explicam a função social deste gênero e pedindo para os alunos entrevistarem um colega da própria classe e em seguida compartilhem o que descobriram por meio da entrevista.

O letramento está interligado a leitura dos vários segmentos da vida cotidiana das pessoas, ou seja, os vários meios de comunicação que envolve a escrita e a leitura. Nesse sentido, encontramos no livro analisado a presença do trabalho com o gênero textual tirinha, a qual trás uma temática bastante importante para ser debatida em sala: o “desmatamento florestal”. De forma a relatar a vida de um passarinho, a tirinha apresenta algumas conseqüências deste

desmatamento. Em seguida uma atividade reforça as ideias abordadas quando perguntas aos alunos sobre o que eles pensam sobre o desmatamento florestal.

Observa-se que, podemos trabalhar determinados gêneros de forma interdisciplinar, ou seja, à medida que o aluno interpreta a mensagem contida nos quadrinhos, por exemplo, é possível refletir sobre o que propõe a temática anunciada.

Entendemos assim que, o contato com os diferentes gêneros textuais é fundamental para que a criança, jovem ou adulto vá se apropriando e tendo contato com o mundo letrado. Conforme afirma Maciel (2008):

(...) introduzir diferentes gêneros textuais no processo de ensino, refletindo sobre as relações entre suas características composicionais e suas funções, passa a ser visto como condição para que o aluno tenha acesso as praticas de produção, uso e consumo de textos que circulam em diferentes esferas sociais (MACIEL, 2008, p.25).

Portanto, compreendemos que o livro analisado leva os educandos a terem um contato mais profundo com os diferentes gêneros textuais, pois apresenta atividades que os envolve trabalhando tanto as características de cada gênero como também uso social destes. Dessa forma, Scheuwly e Dolz (1999, p. 10) apud Mendonça e Leal (2005, p. 10) defendem que:

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, melhor produzi-lo na escola e fora dela, e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e que são transferíveis para outros gêneros (SCHEUWLY; DOLZ, 1999, p. 10 apud MENDONÇA; LEAL, 2005, p. 10).

Sendo assim, observa-se que, o professor precisa organizar antecipadamente o trabalho com gêneros para que possa calmamente refletir sobre as competências e habilidades que deseja explorar com seus alunos. Por essa razão, é importante deixar claro quais os objetivos pedagógicos que pretende alcançar com a utilização dos gêneros textuais.

A escola, portanto, tem como uma das funções sociais ensinar a ler e escrever (letrar) para que possamos utilizar essas significativas aprendizagens em situações socialmente reais. Silva (1998) reforça afirmando que:

Em sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para ficar informado. Lê-se para aprimorar a sensibilidade estética. Lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e, dessa forma, desenvolver posicionamento diante dos fatos e das ideias que circulam através dos textos (SILVA, 1998, p.27).

Diante disso, podemos perceber que em sociedade, são várias as situações que lemos, escrevemos, falamos/dizemos e ouvimos. A seleção textual do livro também favorece experiências significativas de letramento, uma vez que, apresenta situações em que o aluno precisa ler e compreender o texto de uma notícia, conhecer e entender a função de um cheque, favorecer a conscientização sobre a importância dos documentos básicos, informa sobre o significado de símbolos básicos utilizados no nosso

cotidiano e etc.,. O livro também favorece a aproximação com os diversos instrumentos presentes nas relações sociais que os próprios alunos estabelecem, mantendo uma grande aproximação didática com as situações reais presentes no dia a dia dos educandos.

Pois, o trabalho com os diversos gêneros textuais favorece a aproximação com as reais experiências sociais, por isso, não se pode falar em gêneros sem considerar os processos de letramento, e não se pode falar em letramento sem considerar os gêneros, porque o conjunto desses elementos é que desenvolverá uma formação para cidadania, inclusiva e crítica.

Considerações Finais

Podemos observar que o livro analisado contém assuntos importantes para que os alunos possam compreender melhor o mundo em que vivem. Consideramos também que, além dele contribuir para a formação pessoal e profissional dos educandos, possibilita maior autonomia na construção de sua aprendizagem. Desse modo, os jovens e adultos, incluindo aqueles pertencentes ao território do campo, podem ter melhores condições de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e continuar aprendendo cada vez mais ao longo de sua vida.

As observações e estudos que foram realizados para a análise do Livro Didático “É bom aprender – Educação de Jovens e Adultos”, nós possibilitou perceber que o professor assume um importante papel na mediação para construção do conhecimento de seus alunos vista através da forma como lida com as diferentes concepções dos assuntos como: o sistema de escrita alfabética, as especialidades ortográficas, os gêneros textuais e seus usos cotidianos.

Notamos que, o livro “É bom aprender - Educação de Jovens e Adultos”, corrobora como um instrumento de auxílio para o ensino do sistema de escrita alfabética, letramento, ortografia e gêneros textuais no processo de construção da aprendizagem dos alunos no início do ciclo de alfabetização, pois o mesmo dispõe de atividades reflexivas e de conhecimentos sociais importantes na vida de cada um, fato essencial para ampliação dos conhecimentos dos mesmos.

Em suma, o livro é visto como um auxílio importante na alfabetização dos discentes do ensino de jovens e adultos, pois, o mesmo dispõe de vários elementos que tornam mais rico este processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Nessa direção, também entendemos que, embora o livro não seja pensado para as especificidades da Educação do Campo, não se pode desprezar que este não se afasta da proposta de se entender o sujeito a partir de seu contexto e que, portanto, não se constrói isoladamente, como se fosse uma ilha. E nesse contingente de jovens e adultos, as especificidades deste público não estavam alheias ao

campo, visto que o território campesino também está presente na constituição da Educação de Jovens e Adultos.

Referências

- ARAÚJO, M. N. R. Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Organizadores). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- BARROS, F. R. **Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2011.
- GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (orgs.) **A alfabetização de jovens e adultos: Em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACIEL, F. I. P; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L; MACIEL, F. I. P, MARTINS, R. M. F. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica / Ceale, 2008.
- MENDONÇA, M. Gêneros: por onde anda o letramento? In: SANTOS, C.F, MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Organizadores). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 1998.
- MORAIS, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA, A.; MORAIS, A. G. Ensinando ortografia na escola. In: SILVA, A., MORAIS, A.; MELO, K.L.R (orgs.) **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e Leitura**. SP, Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SOARES, M. B. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Texto apresentado no grupo de trabalho Leitura, Alfabetização e Letramento, na 27ª Reunião Anual da ANPED. Caxambú, 2003.
- MENDOÇA, Márcia; LEAL, Telma Ferraz. **Progressão Escolar e Gêneros textuais**. Páginas 57-71/In: Alfabetização e letramento: conceitos e relações / 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.